

04 OUT 2006

Educação básica no DF

Carlos Henrique Araújo, mestre em Sociologia, secretário-executivo da ONG Missão Criança e ex-diretor de Avaliação da Educação Básica do Inep/MEC.

Nildo Luzio, mestre em História e gestor de Políticas Públicas do Governo Federal

OS CANDIDATOS AO CARGO DE GOVERNADOR DO DF escolheram a educação como uma das prioridades de seus planos de governo. Os programas podem ser melhorados com a análise dos dados do mais atual diagnóstico do MEC, a Prova Brasil, realizada em 2005, e recentemente divulgada.

Na avaliação de leitura a média dos estudantes brasileiros foi de 190,5 pontos na 4ª série do ensino fundamental. A pontuação nacional foi de 172,9. Portanto, o Distrito Federal está melhor, em média, do que o Brasil, porém, está abaixo do que seria satisfatório. A média mínima satisfatória é de 200 pontos. Algo que infelizmente nenhuma rede pública de ensino no País alcança. Em matemática, a média dos estudantes do Distrito Federal foi de 198,7, acima da média brasileira (179,9) e um pouco abaixo da referência de 200 pontos, adequada para a 4ª série neste campo do saber.

Já na 8ª série o desempenho médio em leitura foi de 232 pontos, no Distrito Federal, contra 222, em todo o Brasil. Em matemática, os alunos brasileiros atingiram, em média, 248 pontos, contra 237 da média nacional. Uma constatação importante

diante destes números é que o crescimento do desempenho entre a 5ª e 8ª série é pouco significativo. As médias auferidas, em leitura e matemática, estão, também, muito distantes dos 300 pontos de referência para o final do ensino fundamental, nas duas disciplinas. O principal desafio, portanto, é aumentar os níveis de aprendizado aproximando-os da média mínima satisfatória.

O principal desafio é aumentar os níveis de aprendizado aproximando-os da média mínima satisfatória

requer eleger prioridades e implementar políticas públicas de elevação da qualidade do aprendizado.

Tal desafio guarda estreita relação com outro grande problema a ser enfrentado: reduzir as taxas de repetência. Novamente, essas taxas de rendimento do sistema de ensino, na Capital da República, estão abaixo das médias nacionais, mas, ainda, são muito altas. Para se ter uma idéia, na primeira

série do ensino fundamental 21,8% das crianças são repetentes e na segunda série a taxa é de 15,9%, isto representa um desperdício de mais de 100 milhões de reais por ano. Em países civilizados, taxas de até 5% são comuns. No Brasil e no DF a repetência adquire caráter epidêmico, pois não contribui para melhorar o desempenho dos alunos, pelo contrário, afeta sua auto-estima e o estigmatiza, levando o aluno a abandonar a escola.

Portanto, a realidade dos dados indica que é preciso elevar a qualidade e combater a repetência. Os candidatos a governador devem ter clara a prioridade absoluta no campo educacional. Não há melhor forma de combater as desigualdades do que elevar o nível educacional da população. Após ter atingido a quase universalização da matrícula, o próximo governador deve buscar aumentar as taxas de conclusão dos níveis educacionais e perseguir o desenvolvimento de habilidades e competências que são centrais para uma vida digna e com melhores oportunidades aos indivíduos.

Os objetivos de mais eficiência do sistema de ensino são ainda mais enfáticos ao se considerar o

investimento na educação básica da Capital da República. O DF, em 2006, estará aplicando algo próximo a R\$ 1.743,00 por aluno/ano no ensino fundamental. Na maioria absoluta dos Estados e Municípios do Brasil o gasto em educação está abaixo deste valor. O que é aplicado no DF é superior ao dispendio médio nacional: R\$ 1.239,00. Um patamar de ótimo investimento, segundo as evidências internacionais, seria da ordem de 20% do PIB per capita ao ano. Com um PIB por habitante de R\$ 10.500,00, em 2005, a média nacional está distante e a do Distrito Federal mais próxima.

O que precisa ficar claro é a possibilidade de se fazer mais com os recursos já existentes na Capital. Para isso, é preciso elevar a eficiência e a responsabilização de todos os agentes educacionais. Mas nada disso será possível se a sociedade brasileira não cobrar ou ficar apática diante dos problemas. Brasília deve ser um exemplo para o Brasil. E um bom começo é ter um sistema educacional vigoroso, com mais alunos completando as etapas de ensino e com qualidade de aprendizado. Esta é a grande obra a ser realizada nos próximos anos.